

O senhor da guerra



Hamilton Carramaschi ocupa os jardins da casa no Lago e um apartamento com armas e outros equipamentos bélicos, formando uma coleção considerada das mais completas no gênero e que atrai interesse internacional.

Museu de arquiteto exibe o talento do homem para destruir

Laércio Silva

Os pilotos dos aviões que aterrissam e decolam do aeroporto de Brasília mal desconfiam que exatamente sob suas rotas, próximo à Barragem do Paranoá, algumas baterias antiaéreas apontam para o céu. No mesmo local, casamatas, tanques de guerra e metralhadoras de vários tipos observam sinistramente os desavisados navegantes daquele trecho do Lago. E pior, por trás dessas armas pode estar, às vezes, alguém envergando um autêntico uniforme nazista com suas suásticas e o inconfundível capacete com protetor de nuca.

Felizmente, porém, não se trata de nenhuma fortaleza de um grupo de criminosos de guerra prontos para reagir a qualquer tentativa de captura. Todo esse arsenal, composto por nada menos que 12 mil peças relacionadas à belicosidade da raça humana, é apenas resultado de um hobby do arquiteto Hamilton Carramaschi, que ocupa o pacífico cargo de chefe do Departamento de Engenharia Civil da Caixa Econômica Federal. Ele mantém em sua mansão do Lago Norte e em um apartamento da 308 Sul simplesmente a maior coleção de armamento militar do Brasil e uma das mais importantes do mundo.

Registrada sob o nome de "Coleção Hamilton Carramaschi — Museu de Armas, Militaria e História Militar", a coleção vem sendo montada desde 1967 e algumas de suas peças selecionadas podem ser vistas pelo público uma vez por ano durante a exposição da Semana do Exército, em agosto, no Parque da Cidade. No resto do ano, Carramaschi recebe apenas convidados especiais, em sua maioria oficiais do Exército, que vão apreciar ao vivo armas e material militar que só conhecem dos livros e apostilhas dos cursos de caserna. Mesmo com visitação restrita, o museu já conta, em seu livro de presenças, com mais de 10 mil assinaturas.

Dificuldade — Embora goste muito, Hamilton Carramaschi não reclama dos custos de adquirir e manter por conta própria tão vasta coleção de objetos militares, porque afinal trata-se de uma paixão cultivada por livre e espontânea vontade.

Apenas não se conforma com as dificuldades legais impostas ao longo desses 27 anos a um profissional colecionador de armas como ele.

"Até três anos atrás minha coleção era clandestina. Somente depois que o general Newton Pessoa Cavalcanti assumiu a Diretoria de Fiscalização de Produtos Controlados do Exército (DFPC) foi possível legalizar minha coleção de armamentos militares, principalmente no que se refere às armas automáticas", explica Carramaschi. Diz que passou anos tentando convencer as autoridades das Forças Armadas de que é melhor que os colecionadores desse tipo de arma sejam registrados e o Exército saiba onde e com quem elas estão, do que passarem de mão em mão sem qualquer controle, como ocorria antigamente.

O museu de Hamilton Carramaschi pode não ser o maior do gênero no mundo — até porque na Europa quase todos os governos mantêm pelo menos um museu de guerra estatal. Mas uma coisa é certa: dificilmente algum desses museus patrocinados pelo Estado seja tão isento, neutro e apolítico como o do colecionador brasiliense. Em um mesmo cômodo pode-se ver propagandas nazistas e cartazes mostrando os horrores dos campos de concentração; ou fotografias de Lênin, Hitler e Eisenhower; fardas alemãs e francesas da Primeira Guerra; e no pátio, carros de combate utilizados pelas tropas da Otan e do Pacto de Varsóvia, lado a lado.

Hamilton Carramaschi lamenta o pouco espaço de seu lote, já completamente tomado pelo arsenal de armas pesadas, mas ainda assim pretende continuar ampliando sua coleção. Em recente viagem à Europa, com o exclusivo objetivo de visitar museus militares, estabeleceu uma série de intercâmbios, já que possui em duplo itens que a maioria dos museus oficiais não tem, como o tanque norte-americano Stuart M3A1, em sua versão original, utilizado na Segunda Guerra.

Em troca de algumas dessas peças raras, ele deverá trazer para o seu quintal, nos próximos meses, um exemplar — operacional — dos famosos caças MIG soviéticos, em modelo ainda a ser escolhido (provavelmente 21, 23 ou 26), que estacionará ao lado dos tanques e das baterias antiaéreas, para desespero dos pacatos pilotos comerciais que sobrevoam a capital.



Ambulâncias, tanques e equipamentos menores integram o arsenal

Coleção cumpre função didática

O clima de paz que predomina no mundo após o desmantelamento do Bloco Soviético, o aperto de mão entre israelenses e palestinos e o relaxamento da tensão em vários outros pontos do planeta, não fazem com que Hamilton Carramaschi se sinta anacrônico com sua coleção de militaria. Muito pelo contrário: ele acredita que quanto mais distantes os homens estiverem da guerra, mais interesse terão as novas gerações em saber do que os seres humanos eram capazes de produzir para matar uns aos outros.

Como sinal dos novos tempos, ele acaba de estabelecer dois convênios informais — um com o Hospital Sarah Kubitschek e outro com a Defesa Civil do Distrito Federal —, colocando à sua disposição duas unidades móveis sem assemelhados no Brasil. Os dois veículos fazem parte de um lote de equipamentos militares russos recentemente adquiridos por Carramaschi na Europa.

O Sarah terá à sua disposição, em caso de grandes acidentes (a queda de um avião de passageiros, por exemplo), uma ambulância militar blindada — à prova, entre outras coisas, de radiação nuclear leve — que é ao mesmo tempo uma unidade de terapia intensiva, com leitos para seis pacientes. A ambulância é equipada com tração nas quatro rodas, o que permite o acesso ao local do acidente, mesmo quando se tratar de terreno bruto ou íngreme. A Defesa Civil contará com um caminhão médio, com capacidade para oito toneladas, também com tração nas quatro rodas.